

Poemas Mel Duarte

Minha condição

Eu não escrevo pra incendiar casas,
mas pra ascender faíscas aos olhos de quem me lê.
Não escrevo pra matar a fome de multidões,
mas espero que minhas palavras preencham um vazio que te ajude a se manter de pé.
Não escrevo pra governar um povo,
eu ouço o que ele diz e utilizo minha voz para propagar sua mensagem.
Não escrevo pra obter a sua aprovação,
mas pra registrar minha trajetória e de tantas mulheres negras que já foram silenciadas.

Eu escrevo pra acessar lugares em mim que são invisíveis aos olhos,
pra expurgar pensamentos que não me deixam dormir.
Escrevo, pois, cada palavra é um atestado da minha condição poeta
e, sendo poeta, ainda miúda que sou,
escrevo porque a palavra é o que me resta.

Num mundo conduzido por falsos profetas,
nessa briga de egos e dialética,
me apego num sopro de esperança
que me permite o papel e a caneta.

Escrevo pra sobreviver
e, sobrevivendo, eu luto.
Escrevo se adoço
e, escrevendo, me curo.

E você? Pra quê escreve?

E pra onde você escorre,
quando esse mar palavra transborda?

Não desiste!

Não desiste negra, não desiste!
Ainda que tentem lhe calar,
por mais que queiram esconder,
corre em tuas veias força iorubá,
axé para que possa prosseguir!

Eles precisam saber que:

A mulher negra quer casa pra morar,
água pra beber,
terra pra se alimentar.

Que a mulher negra é:
Ancestralidade,
djembês e atabaques
que ressoam dos pés.

Que a mulher negra
tem suas convicções,
suas imperfeições
como toda mulher.

Vejo que nós, negras meninas,
temos olhos de estrelas
que por vezes se permitem constelar.

O problema é que desde sempre nos tiraram a nobreza,
duvidaram das nossas ciências,
e quem antes atendia pelo pronome alteza,
hoje trava lutas diárias por sua sobrevivência.

É preciso lembrar da nossa raiz,
semente negra de força matriz que brota em riste!
Mãos calejadas, corpos marcados sim,
mas de quem ainda resiste.

E não desiste negra, não desiste!

Mantenha sua fé onde lhe couber,
seja espírita, budista, do candomblé.
É teu desejo de mudança,
a magia que traz na tua dança
que vai lhe manter de pé.

É você, mulher negra, cujo tratamento majestade é digna!
Livre, que arma seus crespos contra o sistema,
livre para andar na rua sem sofrer violência
e que, se preciso for, levanta arma sim,
mas antes
luta com poema.

E não desiste negra, não desiste!

Por mais que tentem te oprimir,
– e, acredite, eles não vão parar tão cedo –
quanto mais se omitir,
menos sobre a nossa história estará escrevendo!

Quando olhar para as suas irmãs, veja que todas somos o início:
Mulheres Negras!
Desde os primórdios, desde os princípios,
África, mãe de todos, repare nos teus traços, indícios,
é no teu colo onde tudo principia,
somos as herdeiras da mudança de um novo ciclo!

E é por isso que eu digo:
Que não desisto!
Que não desisto!
Que não desisto!